


PARA SABER MAIS

Quem estiver interessado em participar dos coletivos, pode entrar em contato com os organizadores pelos sites e nas redes sociais: <http://coletivoajuntae.blogspot.com> e www.facebook.com/CasteloFDE

CONGRESSO

De 11 a 18 de dezembro, a cidade de São Paulo será a sede do IV Congresso Fora do Eixo. Para o evento, estão previstos representantes de 26 estados, do Distrito Federal e de mais de dez países da América Latina, que participarão de conferências, reuniões e apresentações de projetos focados em coletivos culturais. Estão previstas 500 conferências e 2 mil reuniões livres. Cerca de mil pessoas são esperadas por dia. A inscrição pode ser feita no site <http://congresso.foradoeixo.org.br>.



Coletivo Ajuntaê: 11 a 18 de dezembro adeptos se reúnem no IV Congresso Fora do Eixo, em São Paulo

Comportamento

Dividir para multiplicar

Hippies modernos: rede Circuito Fora do Eixo, criada em 2005, prega um jeito comunitário de convivência e faz adeptos em toda a América Latina

Sarah Schmidt sarah.schmidt@rac.com.br

O que você acha de manter um guarda-roupa coletivo, montado com roupas, sapatos e acessórios seus e de alguns colegas? Em cada parte do móvel, uma etiqueta indica o tipo de peça em seu interior: vestidos, calças, shorts e por aí vai. A iniciativa de compartilhar o figurino, inspirada no velho bordão “dividir para multiplicar”, é apenas um detalhe que ilustra o modo de vida adotado em Campinas por um grupo de jovens com idades entre 18 e 30 anos. Em nome de uma causa comum – a propagação da cultura, em suas mais variadas formas –, eles deixaram o emprego, alugaram uma casa espaçosa com vista para o Estádio Moisés Lucarelli e pagam todas as

suas despesas com um caixa coletivo.

A residência campineira é a sede do Coletivo Ajuntaê, que compõe mais um ponto do Circuito Fora do Eixo, uma rede de coletivos culturais que surgiu em 2005, em Cuiabá, e que hoje conta com mais de 100 pontos espalhados pelo Brasil e dez em países da América Latina. Basicamente, os “ajuntados” promovem eventos que dão espaço a artistas independentes, propõem debates sobre comunicação colaborativa, políticas públicas de cultura e sustentabilidade, além de incentivar o uso de software livre – a internet é uma das ferramentas essenciais do grupo, utilizada para manter contato com outros coletivos e para mobilizar e propagar as iniciativas da casa. Com mais de um ano de atuação na cidade, o Ajuntaê participou de cerca de 100 atividades culturais em Campinas e Região. ►

Comportamento | Jovens compartilham guarda-roupa, passaram a adotar moeda solidária e créditos do “bem



Despesas como aluguel e manutenção da casa são compartilhadas por meio de um caixa único



Ana Carolina Moraes, de 18 anos: “Discutimos as demandas financeiras em grupo e estudamos caso a caso”



Gabriel Fedel: criar novas fórmulas de se organizar em sociedade, envolvendo desde tarefas simples do dia a dia a grandes projetos

Uma das sacadas do coletivo é a utilização de uma moeda solidária, que está na base da maioria das negociações dos grupos Fora do Fixo. Um exemplo de como a relação funciona: uma banda do Rio de Janeiro veio tocar em um festival organizado pelo Ajuntãê na região. Os artistas não receberam cachê, mas se hospedaram num dos quartos da sede, comeram em restaurantes parceiros e, de quebra, ganharam créditos, que podem ser usados em serviços prestados pelos colaboradores da rede.

O restaurante que alimentou os músicos, por sua vez, também ganhou créditos com os "ajuntados". É uma rede de trocas. As sedes dos coletivos costumam ter um espaço para receber os artistas em turnê, na chamada hospedagem solidária. "Recentemente, organizamos com outros coletivos uma turnê com duas bandas, a Monndo e a Riverbreeze. Elas passaram por oito cidades e fizeram nove shows, tudo a custo zero em termos financeiros", conta Clara Mancuso, de 26 anos, formada em Rádio e TV e moradora do coletivo campineiro.

Caixa coletivo

Com um aluguel de R\$ 1,1 mil por mês, a casa se mantém financeiramente graças à prestação de serviços (como elaboração de sites e assessoria de comunicação), venda de CDs e revistas de artistas independentes distribuídos entre todas as casas da rede e realização de eventos. Toda a grana que entra vai direto para o caixa coletivo e é utilizada de acordo com as necessidades da sede. "Acreditamos em um modo diferente de ser. Não estamos pautados pelo lucro", defende o baterista e mestre em ciência da computação Gabriel Fedel, de 27 anos, o único homem morador do coletivo campineiro, que conta com cerca de 25 colaboradores – dez deles são mais assíduos.

Fedel e Clara, que deixou o emprego ►

Comportamento | Casa se mantém graças à prestação de serviços, venda de CDs e revistas independentes e realização de eventos

para ser a gestora e produtora cultural do Ajuntã, representam a atitude da maioria dos jovens que moram nas sedes dos coletivos do Fora do Eixo: eles abrem mão de uma forma de acumular seus próprios bens materiais para adotar a chamada economia solidária. "Dessa forma, você aprende a pensar no outro antes de gastar", justifica o mestre em ciência da computação.

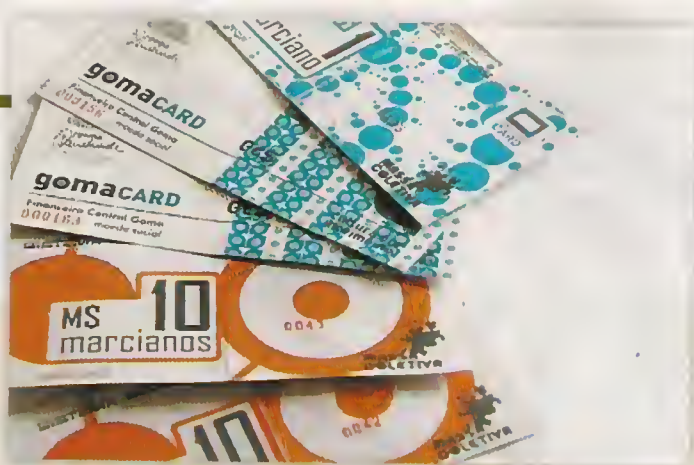
Mas, nesse modo "abnegado" de vida, como ficam os desejos individuais, como a vontade de comprar aquele computador novo ou aquele tênis bacana? "Você acaba nem sentindo falta. Com o guarda-roupa coletivo, por exemplo, eu tive minhas roupas multiplicadas por quatro", conta Clara. Ela faz questão de deixar bem claro que cada um dos adeptos do guarda-roupa comunitário tem uma gaveta própria para as roupas íntimas.

Na hora em que alguém precisa gastar dinheiro com alguma necessidade

individual, os moradores da casa garantem que sempre há a opção do diálogo. "Discutimos as demandas financeiras em grupo e estudamos caso a caso", explica a estudante Ana Carolina Moraes, de 18 anos, também moradora do coletivo. "Você ganha mais do que perde. Aprende, conhece outros lugares, já que também fazemos viagens para congressos da rede. É uma troca que vale a pena", afirma a jornalista Thaís Pimenta, de 26 anos, colaboradora fixa do Ajuntã.

Vida em comum inclui organização, descontração e realização de shows com renda dos ingressos revertida para a manutenção da casa





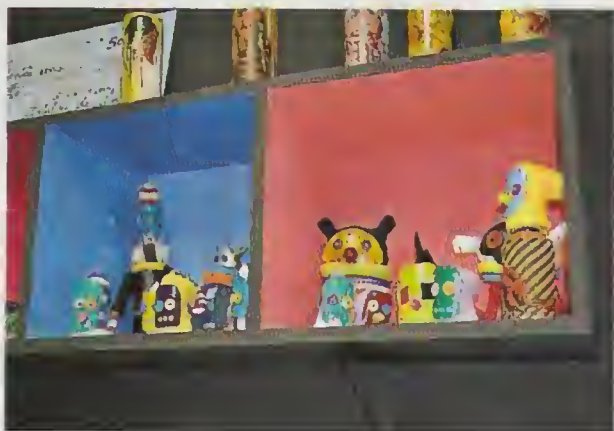
Comportamento | Se alguém precisa de dinheiro para alguma necessidade individual, os moradores se reúnem para discutir a demanda

AS CIGARRAS E AS FORMIGAS

■ “Nos unimos para fazer mudanças e criar plataformas viáveis. O mercado da música nós já conseguimos mudar, não é preciso mais estar em uma grande gravadora para fazer uma turnê bacana”, afirma o músico Pedro Pacheco, de 20 anos, morador do Castelo Fora do Eixo, de Sorocaba, que foi inaugurado em outubro. No mesmo estilo da casa campineira, a sede sorocabana é fruto da união de quatro coletivos culturais e, recentemente, passou a integrar o Circuito Fora do Eixo. Pacheco, que também é formado em sociologia, divide a residência com mais quatro colegas. Antes da inauguração oficial, os colaboradores do coletivo se juntaram para personalizar o espaço com grafites e peças de arte, do mesmo modo que foi feito na sede de São Paulo, uma espécie de central dos outros pontos espalhados pelo País. Além do quarto destinado à hospedagem solidária, a casa de Sorocaba conta com estúdio de música para gravações de álbuns e estúdio audiovisual, projetos que a sede campineira quer implementar. Para o músico sorocabano, as propostas de ações colaborativas do coletivo encontraram solo fértil na geração atual. “Hoje, somos órfãos de um modelo ideológico. Os coletivos têm propostas viáveis de um estilo de vida que eu vejo para o futuro, onde tudo será horizontal”, comenta Pacheco. Para Gabriel Fedel, do coletivo campineiro, essa é a ideia da rede: criar novas fórmulas de se organizar em sociedade, envolvendo desde tarefas simples do dia a dia – como o modo de se viver de forma colaborativa – até a maneira de se realizar grandes festivais, como o Grito Rock, evento de música independente que, em sua primeira edição em Campinas, em março deste ano, reuniu cerca de mil pessoas em locais espalhados pela cidade. “Hoje, uma pessoa que quer seguir a carreira artística precisa trabalhar de dia num banco, por exemplo, e se apresentar por aí à noite. Isso não está certo”, defende Ana Moraes. De acordo com ela, é preciso



Castelo Fora do Eixo, de Sorocaba, fruto da união de quatro coletivos culturais: espaço tem estúdios de música e audiovisuais



fazer uma releitura dessa situação e, como metáfora, o grupo propõe um outro olhar sobre a fábula *A cigarra e a formiga*: “Só porque, na história, a cigarra canta enquanto a formiga ‘pega no pesado’ não quer dizer que a cigarra não esteja fazendo o trabalho dela”, compara Ana. “Tem gente que passa a vida trabalhando em algo que não gosta e, para desestressar, gasta quase tudo o que ganha no shopping. Nós encontramos uma maneira de fazer o que

gostamos e que pode ser aplicada em outros segmentos”, afirma Clara. Será que esse estilo de vida não é uma onda que vai acabar quando os participantes quiserem casar e ter seus próprios lares e filhos? “Já há famílias, com pai, mãe e filho, que moram em alguns coletivos da rede. Acredito que as coisas podem acontecer aqui. Quero continuar e, daqui a dez anos, estar em um outro coletivo”, diz Pacheco. ■